



JORNAL EXPRESSÃO

DIGITAL

Órgão Oficial da Diocese de São José dos Campos • Ano XXX • Julho de 2022 • Nº 434

comunicacao@diocesescj.org.br | www.diocesescj.org.br



“Redescubramos a beleza da Liturgia!”

Papa Francisco

Palavra do Pastor

Dom Cesar fala sobre a preparação do Sínodo 2023

• Leia na página 3

Seminaristas realizam 2ª peregrinação a pé para Aparecida

Veja como foi esta experiência rica de fé e devoção

• Leia na página 6

Paróquias em Festa

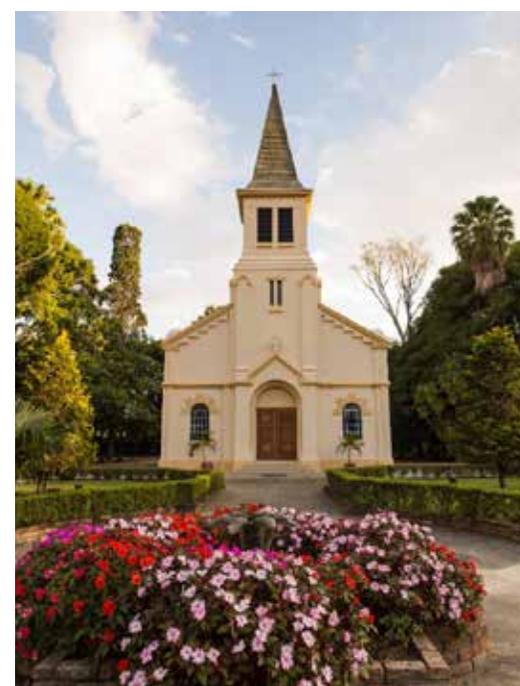
Confira as paróquias que celebram seu padroeiro neste mês

• Leia na página 10

Capela do Parque Vicentina Aranha será reaberta

Confira como está sendo o processo de reabertura da Capela dedicada ao Sagrado Coração de Jesus

• Leia na página 11



Avançar com atenção, coragem e criatividade

Pouco a pouco a pandemia da Covid-19 vai deixando de ser a terrível ameaça de outrora e a esperança de dias melhores desponta luminosa no horizonte da história. Graças às vacinas e ao compromisso da maioria das pessoas em toma-las e em observar os outros protocolos de prevenção a este mal que assolou o mundo nos últimos tempos, a vida vai renascendo com a força que lhe é característica. É um tempo novo esse que adentramos, mas, que não se estabelecerá por si mesmo. Para tornar-se efetivo requer de cada pessoa atenção para perceber as oportunidades que existem, criatividade para trilhar novos caminhos e coragem para empreender ações inéditas capazes de dar sabor à existência de todos.

Se é verdade que hoje a Covid-19 mata menos gente, é também fato inegável que o psicológico de muitas pessoas está bastante abalado. Ainda há gente com medo, desacreditada da possibilidade de recomeçar, desencorajada em fazer a sua parte, paralisada no tempo.

O Jornal Expressão, no cumprimento de sua missão de informar e formar se propõe ser um instrumento de mudança dessa mentalidade, trazendo ao (à) caro (a) leitor (a) o dinamismo que há nas paróquias e nas atividades pastorais da Diocese de São José dos Campos, afim de contagiá-lo (a) e envolve-lo (a). Afinal de contas, a missão que Jesus confiou aos seus discípulos não pode ficar estagnada. Ele deve ser realizada, mesmo em meio às adversidades da vida, sejam quais forem.

Os conteúdos que você encontrará nesta edição falam daquilo que a Igreja está vivendo e propondo aos seus filhos. Falam também de experiências feitas e que propiciam um novo olhar para a realidade e seus desafios. Falam, enfim, de momentos alegres e oportunos para a renovação de mentes e corações.

Por isso, desejamos que a leitura destes conteúdos especialmente escolhidos e preparados para o seu crescimento possa fazer diferença em sua caminhada, afugentando de sua vida tudo o que ainda o (a) atrapalha na retomada da vida desde a pandemia que estamos atravessando.

Com nosso abraço segue nosso carinho por você e o nosso desejo de uma proveitosa leitura do Jornal Expressão Julho de 2022.

INFORMAÇÕES DA DIOCESE NA PALMA DA SUA MÃO.

Baxe o app da Diocese




Diocese de São José dos Campos



“Tinha ao meu lado no conclave, o cardeal Cláudio Hummes, o arcebispo emérito de São Paulo e

também prefeito emérito da Congregação para o clero: um grande amigo, um grande amigo! Quando o caso começava a tornar-se um pouco ‘perigoso’, ele animava-me. E quando os votos atingiram dois terços, surgiu o habitual aplauso, porque foi eleito o papa. Ele abraçou-me, beijou-me e disse-me: ‘Não se esqueça dos pobres!’. E aquela palavra gravou-se na cabeça: os pobres, os pobres. Logo depois, associando com os pobres, pensei em Francisco de Assis”, disse o papa”.

Papa Francisco

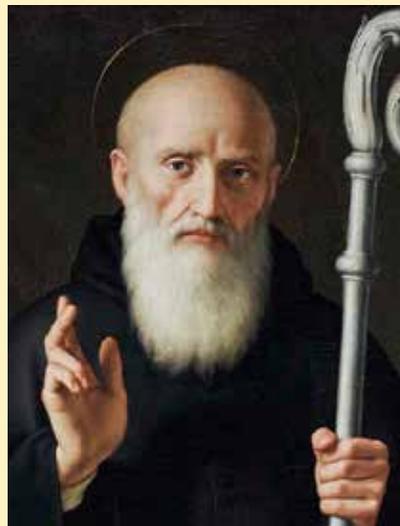
“” Frase



“Com Pedro e Paulo, ser uma Igreja aberta a todos, livre e humilde”

Papa Francisco

✝️ Oração



“A Cruz sagrada seja minha Luz
Não seja o Dragão meu guia
Retira-te Satanás
Nunca me aconselhes coisas vãs
É mal o que tu me ofereces
Bebe tu mesmo do teu veneno”.

São Bento, rogai por nós!



Fale com o Expressão

(12) 3928-3929
(12) 99788-5559

JORNAL EXPRESSÃO



Fundação Sagrada Família - Publicação Mensal da Diocese de São José dos Campos

Bispo Diocesano: Dom José Valmor Cesar Teixeira, SDB • **Supervisão Geral:** Pe. Edinei Evaldo Batista - **Jornalista Responsável:** Bruno Andrade - MTB 89.844 • **Colaboram nesta edição:** Bruno Henrique (Seminarista - 1º ano de Teologia), Vitorino Simões (Seminarista - Propedêutico), Luis Carlos Bustamante Costa (Comunidade Tom de Amor), Vatican News, PASCOM Sant'Ana, PASCOM São Bento, Ana Raquel (Comunidade Canção Nova), Rômulo de Paula (Paróquia Sagrada Família), Pedro Henrique Luvizotto (Assessor de Imprensa - Hospital Vivalle), Alex Siqueira (Seminarista - 1º ano de Teologia).

Diagramação: AB&G Comunicação e Marketing. **Redação e Publicidade:** Pça. Monsenhor Ascânio Brandão, 01 - Jd. São Dimas - São José dos Campos - CEP 12245-440 - Tel.: (12) 3928-3929 - e-mail: comunicacao@diocesajc.org.br.

Se você identificar alguma informação errada ou falta de dados, escreva para a redação do Jornal Expressão ou envie um e-mail. Mande também suas críticas, comentários e sugestões. As matérias assinadas e opiniões expressas são de responsabilidade de seus autores. Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Edição concluída em 08 de julho de 2022.

O Jornal Expressão, desde abril, é distribuído on-line. Em razão da pandemia da COVID-19 a Diocese de São José dos Campos não imprimiu as edições. O mesmo também não pode ser vendido, cobrado a entrega e não possui representante para arrecadar fundos para publicidade, assinaturas ou outra contribuição.



* Dom José Valmor Cesar Teixeira, SDB
Bispo Diocesano de São José dos Campos

Sínodo dos Bispos 2023

Estamos no processo de construção do Sínodo dos Bispos, ano 2023. O Papa Francisco convidou toda a Igreja, do mundo inteiro, a participar da preparação. Nossa diocese está realizando este processo de diversas maneiras: preparando o caminho de encontros e reflexões, realizando reuniões com o povo, convidando as lideranças paroquiais e diocesanas a participar, escrevendo os resultados das reuniões, redigindo o documento de colaboração da diocese para mandar para o Vaticano com os documentos das outras dioceses do Brasil, preparando a Assembleia Diocesana deste ano de 2022, que terá como base o documento escrito por nossas lideranças. Vejamos o que nos diz o documento preparatório do Sínodo, enviado pela Santa Sé.

Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão

1. A Igreja de Deus é convocada em Sínodo. O caminho, intitulado «Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão», iniciará solenemente nos dias 9-10 de outubro de 2021, em Roma, e a 17 de outubro seguinte, em cada uma das Igrejas particulares. Uma etapa fundamental será a celebração da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, em outubro de 2023, a que se seguirá a fase de execução, que envolverá novamente as Igrejas particulares (cf. EC, art. 19-21). Com esta convocação, o Papa Francisco convida a Igreja inteira a interrogar-se sobre um tema decisivo para a sua vida e a sua missão: «O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio». Este itinerário, que se insere no sulco da “atualização” da Igreja, proposta pelo Concílio Vaticano II, constitui um dom e uma tarefa: caminhando lado a lado e refletindo em conjunto sobre o caminho percorrido, com o que for experimentando, a Igreja poderá aprender quais são os processos que a podem ajudar a viver a comunhão, a realizar a participação e a abrir-se à missão. Com efeito, o nosso “caminhar juntos” é o que mais implementa e manifesta a natureza da Igreja como Povo de Deus peregrino e missionário.

2. Uma interrogação fundamental impele-nos e orienta-nos: como se realiza hoje, a diferentes níveis (do local ao universal) aquele “caminhar juntos” que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada; e que passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal?

Enfrentar juntos esta interrogação exige que nos coloquemos à escuta do Espírito Santo que, como o vento, «sopra onde quer; ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai» (Jo 3, 8), permanecendo abertos às surpresas para as quais certamente nos dispôs ao longo do caminho. Ativa-se deste modo um dinamismo que permite começar a colher alguns frutos de uma conversão sinodal, que amadurecerão progressivamente. Trata-se de objetivos de grande relevância para a qualidade da vida eclesial e para o cumprimento da missão de evangelização, na qual todos nós participamos em virtude do Batismo e da Confirmação. Indicamos aqui os principais, que enunciam a sinodalidade como forma, como estilo e como estrutura da Igreja:

fazer memória do modo como o Espírito orientou o caminho da Igreja ao longo da história e como hoje nos chama a ser, juntos, testemunhas do amor de Deus;

viver um processo eclesial participativo e inclusivo, que ofereça a cada um – de maneira particular àqueles que, por vários motivos, se encontram à margem – a oportunidade de se expressar e de ser ouvido, a fim de contribuir para a construção do Povo de Deus;

reconhecer e apreciar a riqueza e a variedade dos dons e dos carismas que o Espírito concede em liberdade, para o bem da comunidade e em benefício de toda a família humana;

experimentar formas participativas de exercer a responsabilidade no anúncio do Evangelho e no compromisso para construir um mundo mais belo e mais habitável;

examinar como são vividos na Igreja a responsabi-

lidade e o poder, e as estruturas mediante as quais são geridos, destacando e procurando converter preconceitos e práticas distorcidas que não estão enraizadas no Evangelho;

credenciar a comunidade cristã como sujeito credível e parceiro fiável em percursos de diálogo social, cura, reconciliação, inclusão e participação, reconstrução da democracia, promoção da fraternidade e da amizade social;

regenerar as relações entre os membros das comunidades cristãs, assim como entre as comunidades e os demais grupos sociais, por exemplo, comunidades de crentes de outras confissões e religiões, organizações da sociedade civil, movimentos populares, etc;

favorecer a valorização e a apropriação dos frutos das recentes experiências sinodais nos planos universal, regional, nacional e local.

3. O presente Documento Preparatório põe-se ao serviço do caminho sinodal, de modo especial como instrumento para favorecer a primeira fase de escuta e consulta do Povo de Deus nas Igrejas particulares (outubro de 2021 – agosto de 2022), na esperança de contribuir para colocar em movimento as ideias, as energias e a criatividade de todos aqueles que participarem no itinerário, e facilitar a partilha dos frutos do seu compromisso. Para esta finalidade: 1) começa por delinear algumas características salientes do contexto contemporâneo; 2) explica resumidamente as referências teológicas fundamentais para uma correta compreensão e prática da sinodalidade; 3) oferece algumas indicações bíblicas que poderão alimentar a meditação e a reflexão orante ao longo do caminho; 4) descreve certas perspectivas a partir das quais ler as experiências de sinodalidade vivida; 5) expõe determinadas indicações para articular este trabalho de releitura na oração e na partilha. Para acompanhar concretamente a organização dos trabalhos, propõe-se um Vade-mécum metodológico, ane-

xado ao presente Documento Preparatório e disponível no site dedicado. O site oferece alguns recursos para o aprofundamento do tema da sinodalidade, como apoio a este Documento Preparatório; entre eles destacamos dois, em seguida mencionados várias vezes: o Discurso na Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos, pronunciado pelo Papa Francisco no dia 17 de outubro de 2015, e o documento A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, elaborado pela Comissão Teológica Internacional e publicado em 2018.

I. Apelo a caminhar juntos

4. O caminho sinodal desenvolve-se num contexto histórico, marcado por mudanças epocais na sociedade e por uma passagem crucial na vida da Igreja, que não é possível ignorar: é nas dobras da complexidade deste contexto, nas suas tensões e contradições, que somos chamados «a investigar os sinais dos tempos e a interpretá-los à luz do Evangelho» (GS, n. 4). Delineiam-se aqui alguns elementos do cenário global mais intimamente ligados ao tema do Sínodo, mas o quadro deverá ser enriquecido e completado a nível local.

5. Uma tragédia global como a pandemia de Covid-19 «despertou, por algum tempo, a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, onde o mal de um prejudica a todos. Recordamo-nos de que ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos» (FT, n. 32). Ao mesmo tempo, a pandemia fez eclodir as desigualdades e as disparidades já existentes: a humanidade parece estar cada vez mais abalada por processos de massificação e fragmentação; a trágica condição que os migrantes vivem em todas as regiões do mundo testemunha quão elevadas e vigorosas ainda são as barreiras que dividem a única família humana. As Encíclicas *Laudato si'* e *Fratelli tutti* documentam a profundidade das fraturas que atravessam a humanidade, e podemos referir-nos a tais análises para nos colocarmos à escuta do clamor

dos pobres e da terra e para reconhecer as sementes de esperança e de futuro que o Espírito continua a fazer germinar inclusive no nosso tempo: «O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem se arrepende de nos ter criado. A humanidade ainda possui a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum» (LS, n. 13).

6. Esta situação que, não obstante as grandes diferenças, irmana toda a família humana, desafia a capacidade da Igreja de acompanhar as pessoas e as comunidades a reler experiências de luto e sofrimento, que desmascaram muitas falsas certezas, e a cultivar a esperança e a fé na bondade do Criador e da sua criação. No entanto, não podemos negar que a própria Igreja deve enfrentar a falta de fé e a corrupção, inclusive no seu interior. Em particular, não podemos esquecer o sofrimento vivido por menores e pessoas vulneráveis «por causa de abusos sexuais, de poder e de consciência cometidos por um número notável de clérigos e pessoas consagradas». [4] Somos continuamente interpelados, «como Povo de Deus, a assumir a dor de nossos irmãos feridos na sua carne e no seu espírito». Durante demasiado tempo, o grito das vítimas foi um clamor que a Igreja não soube ouvir suficientemente. Trata-se de feridas profundas, que dificilmente se cicatrizam, pelas quais nunca se pedirá perdão suficiente, e que constituem obstáculos, às vezes imponentes, para prosseguir na direção do “caminhar juntos”. A Igreja inteira é chamada a confrontar-se com o peso de uma cultura impregnada de clericalismo, que ela herdou da sua história, e de formas de exercício da autoridade nas quais se insinuam os vários tipos de abuso (de poder, económico, de consciência, sexual). É impensável «uma conversão do agir eclesial sem a participação ativa de todos os membros do Povo de Deus»: juntos, peçamos ao Senhor «a graça da conversão e da unção interior para poder expressar, diante desses crimes de abuso, a nossa compunção e a nossa decisão de lutar com coragem».

7. A despeito das nossas infidelidades, o Espírito continua a agir na história e a manifestar o seu poder vivificante. É precisamente nos sulcos cavados pelos sofrimentos de todos os tipos, suportados pela família humana e pelo Povo de Deus, que florescem novas linguagens da fé e renovados percursos, capazes não apenas de interpretar os acontecimentos de um ponto de vista teológico, mas de encontrar na provação as razões para voltar a fundar o caminho da vida cristã e eclesial. É motivo de grande esperança que não poucas Igrejas já tenham iniciado encontros e processos de consulta do Povo de Deus, mais ou menos estruturados. Onde eles se distinguiram por um estilo sinodal, o sentido de Igreja voltou a florescer e a participação de todos deu renovado impulso à vida eclesial. Também encontram confirmação o desejo de protagonismo no seio da Igreja por parte dos jovens, e o pedido de uma maior valorização das mulheres e de espaços de participação na missão da Igreja, já apontados pelas Assembleias sinodais de 2018 e de 2019. Nesta linha vão também a recente instituição do ministério laical do catequista e a abertura às mulheres do acesso aos ministérios do leitorado e do acolitado.

8. Não podemos ignorar a variedade das condições



em que as comunidades cristãs vivem nas diferentes regiões do mundo. Ao lado dos países em que a Igreja acolhe a maioria da população, representando um ponto de referência cultural para toda a sociedade, existem outros em que os católicos constituem uma minoria; nalguns deles os, católicos, em conjunto com outros cristãos, experimentam formas de perseguição até muito violentas, e não raro o martírio. Se, por um lado, predomina uma mentalidade secularizada que tende a eliminar a religião do espaço público, por outro lado, existe um fundamentalismo religioso que não respeita as liberdades dos outros, alimentando formas de intolerância e de violência que se refletem também na comunidade cristã e nas suas relações com a sociedade. Não raramente, os cristãos adotam as mesmas atitudes, fomentando inclusive divisões e contraposições, até na Igreja. É igualmente necessário ter em consideração o modo como as fraturas que atravessam a sociedade se repercutem no seio da comunidade cristã e nas suas relações com a própria sociedade, por razões étnicas, raciais, de casta ou devido a outras formas de estratificação social ou de violência cultural e estrutural. Tais situações têm um impacto profundo sobre o significado da expressão “caminhar juntos” e sobre as possibilidades concretas de as pôr em prática.

9. Neste contexto, a sinodalidade representa a via mestra para a Igreja, chamada a renovar-se sob a ação do Espírito e graças à escuta da Palavra. A capacidade de imaginar um futuro diferente para a Igreja e para as suas instituições, à altura da missão recebida, depende em grande medida da escolha de encetar processos de escuta, diálogo e discernimento comunitário, em que todos e cada um possam participar e contribuir. Ao mesmo tempo, a escolha de “caminhar juntos” constitui um sinal profético para uma família humana que tem necessidade de um projeto comum, apto a perseguir o bem de todos. Uma Igreja capaz de comunhão e de fraternidade, de participação e de subsidiariedade, em fidelidade ao que anuncia, poderá colocar-se ao lado dos pobres e dos últimos, emprestando-lhes a própria voz. Para “caminhar juntos”, é necessário que nos deixemos educar pelo Espírito para uma mentalidade verdadeiramente sinodal, entrando com coragem e liberdade de coração num processo de conversão, sem o qual não será possível aquela «reforma perene da qual ela [a Igreja], como instituição humana e terrena, necessita perpetuamente» (UR, n. 6; cf. EG, n. 26).

II. Uma Igreja constitutivamente sinodal

10. «Aquilo que o Senhor nos pede, de certo modo está já tudo contido na palavra “Sínodo”, que «é palavra antiga e veneranda na Tradição da Igreja, cujo significado recorda os conteúdos mais profundos da Revelação». É o «Senhor Jesus que se apresenta a si mesmo como “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6)», e «os cristãos, na sua sequela, são originariamente chamados “os discípulos do caminho” (cf. At 9, 2; 19, 9.23; 22, 4; 24, 14.22)». Nesta perspectiva, a sinodalidade é muito mais do que a celebração de encontros eclesiais e assembleias de Bispos, ou uma questão de simples administração interna da Igreja; ela «indica o específico *modus vivendi et operandi* da Igreja, o Povo de Deus, que manifesta e realiza concretamente o ser comunhão no caminhar juntos, no reunir-se em assembleia e no participar ativamente de todos os seus membros na sua missão evangelizadora». Entrelaçam-se assim aqueles que o título do Sínodo propõe como eixos fundamentais de uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão. Neste capítulo explicamos sumariamente algumas referências teológicas essenciais em que esta perspectiva se fundamenta.

11. No primeiro milénio, “caminhar juntos”, ou seja, praticar a sinodalidade, era a maneira habitual de proceder da Igreja, entendida como «Povo reunido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo». Aqueles que dividiam o corpo eclesial, os Padres da Igreja opuseram a comunhão das Igrejas espalhadas pelo mundo, que Santo Agostinho descrevia como «concordíssima fidei conspiratio», isto é, o acordo na fé entre todos os Batizados. É aqui que se arraiga o amplo desenvolvimento de uma prática sinodal a todos os níveis da vida da Igreja – local, provincial, universal – que encontrou a sua mais excelsa manifestação no concílio ecuménico. Foi neste horizonte eclesial, inspirado no princípio da participação de todos na vida da Igreja, que São João Crisóstomo pôde dizer: «Igreja e Sínodo são sinónimos».

Este modo de proceder não esmoreceu nem sequer no segundo milénio, quando a Igreja evidenciou em maior medida a função hierárquica: se na idade média e na época moderna é bem atestada a celebração dos sínodos diocesanos e provinciais, assim como a dos concílios ecuménicos, quando se tratava de definir verdades dogmáticas, os Papas queriam consultar os Bispos, para conhecer a fé de toda a Igreja, recorrendo à autoridade do *sensus fidei* de todo o Povo de Deus, que é «infalível “in credendo”» (EG, n. 119).

12. O Concílio Vaticano II ancorou-se neste dinamismo da Tradição. Ele põe em evidência que «aproveu a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que o conhecesse na verdade e o servisse santamente» (LG, n. 9). Os membros do Povo de Deus são irmanados pelo Batismo e «ainda que, por vontade de Cristo, alguns sejam constituídos doutores, dispensadores dos mistérios e pastores em favor dos demais, reina, porém, igualdade entre todos quanto à dignidade e quanto à atuação, comum a todos os Fiéis, a favor da edificação do corpo de Cristo» (LG, n. 32). Por conseguinte, todos os Batizados, participantes na função sacerdotal, profética e real de Cristo, «no exercício da multiforme e ordenada riqueza dos seus carismas, das suas vocações, dos seus ministérios», são sujeitos ativos de evangelização, quer individualmente quer como totalidade do Povo de Deus.

13. O Concílio ressaltou que, em virtude da unção do Espírito Santo recebida no Batismo, a totalidade dos Fiéis «não pode enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do sentir sobrenatural da fé do Povo todo quando este, “desde os Bispos até ao último dos Fiéis leigos”, manifesta o consenso universal em matéria de fé e de moral» (LG, n. 12). É o Espírito que guia os crentes para «toda a verdade» (Jo 16, 13). Pela sua obra, «a Tradição apostólica progride na Igreja», porque todo o Povo santo de Deus cresce na compreensão e na experiência, «tanto das coisas como das palavras transmitidas, quer graças à contemplação e ao estudo dos crentes, que as meditam no seu coração (cf. Lc 2, 19. 51), quer graças à íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais, quer graças à pregação daqueles que, com a sucessão do episcopado, receberam o carisma da verdade» (DV, n. 8). Com efeito, este Povo, reunido pelos seus Pastores, adere ao depósito sagrado da Palavra de Deus confiado à Igreja, persevera constantemente no ensinamento dos Apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e na oração, «de tal modo que, na conservação, atuação e profissão da fé transmitida, haja uma especial concordância de espírito entre os Pastores e os Fiéis» (DV, n. 10).

14. Por isso, os Pastores, constituídos por Deus «como autênticos guardiões, intérpretes e testemunhas da fé de toda a Igreja», não tenham medo de se colocar à escuta da Grei que lhes for confiada: a consulta do Povo de Deus não exige a assunção, no seio da Igreja, dos dinamismos da democracia centrados no princípio de maioria, uma vez que na base da participação em qualquer processo sinodal está a paixão partilhada pela missão comum de evangelização, e não a representação de interesses em conflito. Por outras palavras, trata-se de um processo eclesial, que só pode realizar-se «no seio de uma comunidade hierarquicamente estruturada». É na fecunda ligação entre o *sensus fidei* do Povo de Deus e a função magisterial dos Pastores que se realiza o consenso unânime de toda a Igreja na mesma fé. Cada processo sinodal, em que os Bispos são chamados a discernir aquilo que o Espírito diz à Igreja, não sozinhos, mas ouvindo o Povo de Deus, que «participa também da função profética de Cristo» (LG, n. 12), constitui uma forma evidente daquele «caminhar juntos» que faz crescer a Igreja. São Bento salienta que «muitas vezes o Senhor revela a melhor decisão» a quem não ocupa posições relevantes na comunidade (neste caso, o mais jovem); assim, os Bispos tenham o cuidado de alcançar todos, a fim de que no desenrolar ordenado do caminho sinodal se realize aquilo que o apóstolo Paulo recomenda às comunidades: «Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo: abraçai o que é bom» (1 Ts 5, 19-21).

15. O sentido do caminho ao qual todos somos chamados consiste, antes de mais nada, em descobrir o rosto e a forma de uma Igreja sinodal, em que «cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio episcopal, Bispo

de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o “Espírito da verdade” (Jo 14, 17), para conhecer aquilo que Ele “diz às Igrejas” (Ap 2, 7)». [19] O Bispo de Roma, como princípio e fundamento de unidade da Igreja, pede que todos os Bispos e todas as Igrejas particulares, nas quais e a partir das quais existe a Igreja católica una e única (cf. LG, n. 23), entrem com confiança e coragem no caminho da sinodalidade. Neste “caminhar juntos”, peçamos ao Espírito que nos leve a descobrir como a comunhão, que compõe na unidade a variedade dos dons, dos carismas e dos ministérios, tem em vista a missão: uma Igreja sinodal é uma Igreja “em saída”, uma Igreja missionária, «com as portas abertas» (EG, n. 46). Isto inclui a chamada a aprofundar as relações com as outras Igrejas e comunidades cristãs, com as quais estamos unidos mediante o único Batismo. Além disso, a perspectiva de “caminhar juntos” é ainda mais ampla e abrange toda a humanidade, da qual compartilhamos «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias» (GS, n. 1). Uma Igreja sinodal é um sinal profético sobretudo para uma comunidade de nações incapaz de propor um projeto partilhado, através do qual perseguir o bem de todos: praticar a sinodalidade é, hoje para a Igreja, a maneira mais evidente de ser «sacramento universal da salvação» (LG, n. 48), «sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano» (LG, n. 1).

III. À escuta das Escrituras

16. O Espírito de Deus, que ilumina e vivifica este “caminhar juntos” das Igrejas, é o mesmo que atua na missão de Jesus, prometido aos Apóstolos e às gerações de discípulos que ouvirem a Palavra de Deus e que a puserem em prática. Em conformidade com a promessa do Senhor, o Espírito não se limita a confirmar a continuidade do Evangelho de Jesus, mas iluminará as profundidades sempre novas da sua Revelação e inspirará as decisões necessárias para sustentar o caminho da Igreja (cf. Jo 14, 25-26; 15, 26-27; 16, 12-15). Por este motivo, é oportuno que o nosso caminho de construção de uma Igreja sinodal se deixe inspirar por duas “imagens” da Escritura. Uma sobressai na representação da “cena comunitária” que acompanha constantemente o caminho da evangelização; a outra refere-se à experiência do Espírito, em que Pedro e a comunidade primitiva reconhecem o risco de colocar limites injustificados à partilha da fé. A experiência sinodal do caminhar juntos, no seguimento do Senhor e em obediência ao Espírito, poderá receber uma inspiração decisiva da meditação a respeito destes dois momentos da Revelação.

Jesus, a multidão, os apóstolos

17. Na sua estrutura fundamental, uma cena original aparece como a constante do modo como Jesus se revela ao longo de todo o Evangelho, anunciando o advento do Reino de Deus. Os atores em jogo são essencialmente três (mais um). Naturalmente, o primeiro é Jesus, o protagonista absoluto que toma a iniciativa, semeando as palavras e os sinais da vinda do Reino, sem «preferência de pessoas» (cf. At 10, 34). De várias maneiras, Jesus presta especial atenção aos “separados” de Deus e aos “abandonados” pela comunidade (na linguagem evangélica, os pecadores e os pobres). Com as suas palavras e as suas ações, oferece a libertação do mal e a conversão à esperança, em nome de Deus Pai e na força do Espírito Santo. Não obstante a diversidade das chamadas e das respostas de acolhimento do Senhor, a característica comum é que a fé emerge sempre como valorização da pessoa: a sua súplica é ouvida, à sua dificuldade presta-se ajuda, a sua disponibilidade é apreciada, a sua dignidade é confirmada pelo olhar de Deus e restituída ao reconhecimento da comunidade.

18. Com efeito, a ação de evangelização e a mensagem de salvação não seriam compreensíveis sem a abertura constante de Jesus ao interlocutor mais vasto possível, que os Evangelhos indicam como a multidão, ou seja, o conjunto de pessoas que o seguem ao longo do caminho, e às vezes até o perseguem, na esperança de um sinal e de uma palavra de salvação: eis o segundo ator da cena da Revelação. O anúncio evangélico não se dirige unicamente a poucos iluminados ou escolhidos. O interlocutor de Jesus é “o povo” da vida comum, o “qualquer um” da condição humana, que Ele coloca diretamente em contacto com o dom de Deus e a chamada à salvação. De um modo que surpreende e às vezes escandaliza as testemunhas, Jesus aceita como

interlocutores todos aqueles que sobressaem da multidão: ouve a lamentação apaixonada da mulher cananea (cf. Mt 15, 21-28), que não pode aceitar ser excluída da bênção que Ele traz; abandona-se ao diálogo com a Samaritana (cf. Jo 4, 1-42), não obstante a sua condição de mulher social e religiosamente comprometida; solicita o ato de fé livre e reconhecido do cego de nascença (cf. Jo 9), que a religião oficial tinha descartado como alheio ao perímetro da graça.

19. Alguns seguem Jesus mais explicitamente, experimentando a fidelidade do discipulado, ao passo que outros são convidados a regressar à sua vida quotidiana: no entanto, todos dão testemunho da força da fé que os salvou (cf. Mt 15, 28). Entre aqueles que seguem Jesus, destaca-se nitidamente a figura dos apóstolos, aos quais Ele próprio chama desde o início, destinando-os à mediação autorizada da relação da multidão com a Revelação e com o advento do Reino de Deus. A entrada em cena deste terceiro ator não se verifica graças a uma cura ou conversão, mas coincide com o chamamento de Jesus. A eleição dos apóstolos não é o privilégio de uma posição exclusiva de poder e de separação, mas sim a graça de um ministério inclusivo de bênção e de comunhão. Graças ao dom do Espírito do Senhor ressuscitado, eles devem salvaguardar o lugar de Jesus, sem o substituir: não para colocar filtros à sua presença, mas para facilitar o seu encontro.

20. Jesus, a multidão na sua variedade, os apóstolos: eis a imagem e o mistério a contemplar e aprofundar continuamente, a fim de que a Igreja se torne cada vez mais aquilo que é. Nenhum dos três atores pode abandonar a cena. Se Jesus não estiver presente e outra pessoa ocupar o seu lugar, a Igreja tornar-se-á um contrato entre os apóstolos e a multidão, cujo diálogo acabará por seguir o enredo do jogo político. Sem os apóstolos, autorizados por Jesus e instruídos pelo Espírito, a relação com a verdade evangélica interrompe-se e a multidão permanece exposta a um mito ou a uma ideologia a respeito de Jesus, quer o aceite quer o rejeite. Sem a multidão, a relação dos apóstolos com Jesus corrompe-se numa forma sectária e autorreferencial de religião, e a evangelização perde a sua luz, que provém da revelação de si que Deus dirige a quem quer que seja, diretamente, oferecendo-lhe a sua salvação.

21. Além disso, há o ator “extra”, o antagonista, que traz à cena a separação diabólica dos outros três. Diante da perspectiva inquietadora da cruz, há discípulos que vão embora e multidões que mudam de humor. A ameaça que divide e, por conseguinte, impede um caminho comum, manifesta-se indiferentemente sob as formas do rigor religioso, da injunção moral, que se revela mais exigente que a de Jesus, e da sedução de uma sabedoria política mundana, que se julga mais eficaz que um discernimento dos espíritos. Para evitar os enganos do “quarto ator”, é necessária uma conversão contínua. A este propósito, é emblemático o episódio do centurião Cornélio (cf. At 10), precedente ao “concílio” de Jerusalém (cf. At 15), que constitui um ponto de referência crucial para uma Igreja sinodal.

Uma dupla dinâmica de conversão: Pedro e Cornélio (At 10)

22. O episódio narra antes de mais nada a conversão de Cornélio, que chega a receber uma espécie de anunciação. Cornélio é pagão, presumivelmente romano, centurião (oficial de baixa patente) do exército de ocupação, que exerce uma profissão baseada na violência e no abuso. No entanto, dedica-se à oração e à esmola, ou seja, cultiva a relação com Deus e cuida do próximo. De modo surpreendente, o anjo entra precisamente nele, chama-o pelo nome e exorta-o a enviar – o verbo da missão! – os seus servos a Jafa para chamar – o verbo da vocação! – Pedro. Então, a narração torna-se a da conversão deste último, que naquele mesmo dia recebeu uma visão em que uma voz lhe ordena que mate e coma animais, alguns dos quais impuros. A sua resposta é decisiva: «De modo algum, Senhor!» (At 10, 14). Reconhece que é o Senhor quem fala com ele, mas opõe-se-lhe com uma clara rejeição, dado que aquela ordem destrói preceitos da Torá que são irrenunciáveis para a sua identidade religiosa, e que exprimem um modo de entender a eleição como diferença que implica separação e exclusão em relação aos outros povos.

23. O apóstolo permanece profundamente consternado e, enquanto se interroga sobre o sentido do

que tinha acontecido, chegam os homens enviados por Cornélio, que o Espírito lhe indica como seus enviados. Pedro responde-lhes com palavras que evocam as de Jesus no horto: «Eu sou aquele a quem procurais» (At 10, 21). Trata-se de uma verdadeira conversão, uma passagem dolorosa e imensamente frutuosa para sair das próprias categorias culturais e religiosas: Pedro aceita alimentar-se com pagãos da comida que sempre tinha considerado proibida, reconhecendo-a como instrumento de vida e de comunhão com Deus e com o próximo. É no encontro com as pessoas, acolhendo-as, caminhando com elas e entrando nas suas casas, que ele se dá conta do significado da sua visão: nenhum ser humano é indigno aos olhos de Deus e a diferença instituída pela eleição não é preferência exclusiva, mas sim serviço e testemunho de alcance universal.

24. Tanto Cornélio como Pedro envolvem outras pessoas no seu percurso de conversão, fazendo delas companheiros de caminho. A ação apostólica cumpre a vontade de Deus, criando comunidade, derrubando barreiras e promovendo o encontro. A palavra desempenha um papel central no encontro entre os dois protagonistas. Cornélio começa a compartilhar a experiência que viveu. Pedro ouve-o e em seguida toma a palavra, comunicando por sua vez o que lhe aconteceu e testemunhando a proximidade do Senhor, que vai ao encontro de cada pessoa para a libertar daquilo que a torna prisioneira do mal e mortifica a sua humanidade (cf. At 10, 38). Esta maneira de comunicar é semelhante àquela que Pedro adotará quando, em Jerusalém, os fiéis circuncidados o repreenderão, acusando-o de ter transgredido as normas tradicionais, nas quais toda a atenção deles parece estar concentrada, menosprezando a efusão do Espírito: «Por que entraste na casa de incircuncisos e comeste com eles?» (At 11, 3). Naquele momento de conflito, Pedro descreve o que lhe aconteceu, assim como as suas reações de consternação, incompreensão e resistência. É exatamente isto que ajudará os seus interlocutores, inicialmente agressivos e refratários, a ouvir e a aceitar o que aconteceu. A Escritura contribuirá para interpretar o sentido disto, como sucessivamente acontecerá no “concílio” de Jerusalém, num processo de discernimento que é uma escuta em comum do Espírito.

IV. A sinodalidade em ação: roteiros para a consulta do Povo de Deus

25. Iluminado pela Palavra e fundamentado na Tradição, o caminho sinodal enraiza-se na vida concreta do Povo de Deus. Com efeito, apresenta uma peculiaridade que é igualmente um recurso extraordinário: o seu objeto – a sinodalidade – é também o seu método. Em síntese, constitui uma espécie de estaleiro de obras ou experiência-piloto, que permite começar a colher imediatamente os frutos do dinamismo que a progressiva conversão sinodal introduz na comunidade cristã. Por outro lado, não pode deixar de se referir às experiências de sinodalidade vivida, a vários níveis e com diferentes graus de intensidade: os seus pontos fortes e os seus sucessos, assim como os seus limites e as suas dificuldades, oferecem elementos preciosos para o discernimento sobre a direção na qual continuar a caminhar. Aqui, certamente, faz-se referência às experiências ativadas pelo presente caminho sinodal, mas também a todas aquelas em que já se experimentam formas de “caminhar juntos” na vida do dia a dia, mesmo quando o termo sinodalidade nem sequer é conhecido ou utilizado.

A questão fundamental

26. A interrogação fundamental que orienta esta consulta do Povo de Deus, como já foi recordado no início, é a seguinte:

Anunciando o Evangelho, uma Igreja sinodal “caminha em conjunto”: como é que este “caminhar juntos” se realiza hoje na vossa Igreja particular? Que passos o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso “caminhar juntos”?

Para dar uma resposta, sois convidados a:

Perguntar-vos que experiências da vossa Igreja particular a interrogação fundamental vos traz à mente?

Reler estas experiências mais profundamente: que alegrias proporcionaram? Que dificuldades e obstáculos encontraram? Que feridas fizeram emergir? Que intuições suscitaram?

Colher os frutos para compartilhar: onde, nestas experiências, ressoa a voz do Espírito? O que ela nos pede? Quais são os pontos a confirmar, as perspectivas

de mudança, os passos a dar? Onde alcançamos um consenso? Que caminhos se abrem para a nossa Igreja particular?

Diferentes articulações da sinodalidade

27. Na oração, reflexão e partilha suscitadas pela interrogação fundamental, é oportuno ter em consideração três níveis em que a sinodalidade se articula como «dimensão constitutiva da Igreja»:

o plano do estilo em que a Igreja normalmente vive e atua, que exprime a sua natureza de Povo de Deus a caminho em conjunto e que se reúne em assembleia, convocado pelo Senhor Jesus na força do Espírito Santo para anunciar o Evangelho. Este estilo realiza-se através «da escuta comunitária da Palavra e da celebração da Eucaristia, da fraternidade da comunhão e da corresponsabilidade e participação de todo o povo de Deus, nos seus vários níveis e na distinção dos diversos ministérios e funções, na sua vida e na sua missão»;

o plano das estruturas e dos processos eclesiais, determinados inclusive dos pontos de vista teológico e canónico, em que a natureza sinodal da Igreja se manifesta de maneira institucional a nível local, regional e universal;

o plano dos processos e eventos sinodais em que a Igreja é convocada pela autoridade competente, em conformidade com procedimentos específicos, determinados pela disciplina eclesiástica.

Embora sejam distintos de um ponto de vista lógico, estes três planos referem-se uns aos outros e devem manter-se unidos de maneira coerente, caso contrário transmite-se um contratestemunho, minando a credibilidade da Igreja. Com efeito, se não se encarnar em estruturas e processos, o estilo da sinodalidade degrada-se facilmente do nível das intenções e dos desejos para aquele da retórica: enquanto processos e eventos, se não forem animados por um estilo adequado, não passam de formalidades vazias.

28. Além disso, na releitura das experiências, é necessário ter em consideração que “caminhar juntos” pode ser entendido de acordo com duas perspectivas diferentes, fortemente interligadas. A primeira diz respeito à vida interna das Igrejas particulares, às relações entre os indivíduos que as constituem (em primeiro lugar, aquela entre os Fiéis e os seus Pastores, também através dos organismos de participação previstos pela disciplina canónica, incluindo o sínodo diocesano) e às comunidades em que se subdividem (de modo particular as paróquias). Em seguida, considera as relações dos Bispos entre si e com o Bispo de Roma, inclusive através dos organismos intermediários de sinodalidade (Sínodos dos Bispos das Igrejas patriarcais e arquiépiscopais maiores, Conselhos de Hierarcas e Assembleias de Hierarcas das Igrejas sui iuris, Conferências Episcopais, com as suas expressões nacionais, internacionais e continentais). Por conseguinte, estende-se à maneira como cada uma das Igrejas particulares integra em si mesma a contribuição das várias formas de vida monástica, religiosa e consagrada, de associações e movimentos laicais, de instituições eclesiais e eclesiásticas de diferentes tipos (escolas, hospitais, universidades, fundações, instituições de caridade e de assistência, etc.). Para finalizar, esta perspectiva abrange também as relações e as iniciativas comuns com os irmãos e as irmãs das demais Confissões cristãs, com os quais partilhamos o dom do mesmo Batismo.

29. A segunda perspectiva tem em consideração o modo como o Povo de Deus caminha em conjunto com toda a família humana. Assim, o olhar contemplará o estado das relações, do diálogo e das eventuais iniciativas comuns com os crentes de outras religiões, com as pessoas afastadas da fé e igualmente com ambientes e grupos sociais específicos, com as respetivas instituições (mundo da política, da cultura, da economia, das finanças, do trabalho, sindicatos e associações empresariais, organizações não governamentais e da sociedade civil, movimentos populares, minorias de vários tipos, pobres e excluídos, etc.).

Dez núcleos temáticos a aprofundar

30. Para ajudar a fazer emergir as experiências e a contribuir de maneira mais rica para a consulta, em seguida indicamos também dez núcleos temáticos que abordam diferentes aspetos da “sinodalidade vivida”. Deverão adaptar-se aos diferentes contextos locais e, periodicamente, ser integrados, explicados, simplificados e aprofundados, prestando atenção particular a quantos

têm mais dificuldade em participar e responder: o Vade-mécum que acompanha este Documento Preparatório oferece instrumentos, percursos e sugestões, a fim de que os diferentes núcleos de interrogações inspirem concretamente momentos de oração, formação, reflexão e intercâmbio.

I. OS COMPANHEIROS DE VIAGEM

Na Igreja e na sociedade, estamos no mesmo caminho, lado a lado. Na vossa Igreja local, quem são aqueles que “caminham juntos”? Quando dizemos “a nossa Igreja”, quem é que faz parte dela? Quem nos pede para caminhar juntos? Quem são os companheiros de viagem, inclusive fora do perímetro eclesial? Que pessoas ou grupos são, expressa ou efetivamente, deixados à margem?

II. OUVIR

A escuta é o primeiro passo, mas requer que a mente e o coração estejam abertos, sem preconceitos. Com quem está a nossa Igreja particular “em dívida de escuta”? Como são ouvidos os Leigos, de modo particular os jovens e as mulheres? Como integramos a contribuição de Consagradas e Consagrados? Que espaço ocupa a voz das minorias, dos descartados e dos excluídos? Conseguimos identificar preconceitos e estereótipos que impedem a nossa escuta? Como ouvimos o contexto social e cultural em que vivemos?

III. TOMAR A PALAVRA

Todos estão convidados a falar com coragem e “parrésia”, ou seja, integrando liberdade, verdade e caridade. Como promovemos, no seio da comunidade e dos seus organismos, um estilo comunicativo livre e autêntico, sem ambiguidades e oportunismos? E em relação à sociedade de que fazemos parte? Quando e como conseguimos dizer o que é deveras importante para nós? Como funciona a relação com o sistema dos meios de comunicação social (não só católicos)? Quem fala em nome da comunidade cristã e como é escolhido?

IV. CELEBRAR

“Caminhar juntos” só é possível se nos basearmos na escuta comunitária da Palavra e na celebração da Eucaristia. De que forma a oração e a celebração litúrgica inspiram e orientam efetivamente o nosso “caminhar juntos”? Como inspiram as decisões mais importantes? Como promovemos a participação ativa de todos os Fiéis na liturgia e o exercício da função de santificar? Que espaço é reservado ao exercício dos ministérios do leitorado e do acolitado?

V. CORRESPONSÁVEIS NA MISSÃO

A sinodalidade está ao serviço da missão da Igreja, na qual todos os seus membros são chamados a participar. Dado que somos todos discípulos missionários, de que maneira cada um dos Batizados é convocado para ser protagonista da missão? Como é que a comunidade apoia os seus membros comprometidos num serviço na sociedade (na responsabilidade social e política na investigação científica e no ensino, na promoção da justiça social, na salvaguarda dos direitos humanos e no cuidado da Casa comum, etc.)? Como os ajuda a viver estes compromissos, numa lógica de missão? Como se verifica o discernimento a respeito das escolhas relativas à missão e quem participa? Como foram integradas e adaptadas as diferentes tradições em matéria de estilo sinodal, que constituem a herança de muitas Igrejas, especialmente as orientais, em vista de um testemunho cristão eficaz? Como funciona a colaboração nos territórios onde estão presentes diferentes Igrejas sui iuris?

VI. DIALOGAR NA IGREJA E NA SOCIEDADE

O diálogo é um caminho de perseverança, que inclui também silêncios e sofrimentos, mas é capaz de recolher a experiência das pessoas e dos povos. Quais são os lugares e as modalidades de diálogo no seio da nossa Igreja particular? Como são enfrentadas as divergências de visão, os conflitos, as dificuldades? Como promovemos a colaboração com as Dioceses vizinhas, com e entre as comunidades religiosas no território, com e entre associações e movimentos laicais, etc.? Que experiências de diálogo e de compromisso partilhado promovemos com crentes de outras religiões e com quem não crê? Como é que a Igreja dialoga e aprende com outras instâncias da sociedade: o mundo da política, da economia, da cultura, a sociedade civil, os pobres...?

VII. COM AS OUTRAS CONFISÕES CRISTÃS

O diálogo entre cristãos de diferentes confissões, unidos por um único Batismo, ocupa um lugar particular

no caminho sinodal. Que relacionamentos mantemos com os irmãos e as irmãs das outras Confissões cristãs? A que âmbitos se referem? Que frutos colhemos deste “caminhar juntos”? Quais são as dificuldades?

VIII. AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO

Uma Igreja sinodal é uma Igreja participativa e corresponsável. Como se identificam os objetivos a perseguir, o caminho para os alcançar e os passos a dar? Como se exerce a autoridade no seio da nossa Igreja particular? Quais são as práticas de trabalho em grupo e de corresponsabilidade? Como se promovem os ministérios laicais e a assunção de responsabilidade por parte dos Fiéis? Como funcionam os organismos de sinodalidade a nível da Igreja particular? São uma experiência fecunda?

IX. DISCERNIR E DECIDIR

Num estilo sinodal, decide-se por discernimento, com base num consenso que dimana da obediência comum ao Espírito. Com que procedimentos e com que métodos discernimos em conjunto e tomamos decisões? Como podem eles ser melhorados? Como promovemos a participação na tomada de decisões, no seio de comunidades hierarquicamente estruturadas? Como articulamos a fase consultiva com a deliberativa, o processo do decision-making com o momento do decision-taking? De que maneira e com que instrumentos promovemos a transparência e a accountability?

X. FORMAR-SE NA SINODALIDADE

A espiritualidade do caminhar juntos é chamada a tornar-se princípio educativo para a formação da pessoa humana e do cristão, das famílias e das comunidades. Como formamos as pessoas, de maneira particular aquelas que desempenham funções de responsabilidade no seio da comunidade cristã, a fim de as tornar mais capazes de “caminhar juntas”, de se ouvir mutuamente e de dialogar? Que formação oferecemos para o discernimento e o exercício da autoridade? Que instrumentos nos ajudam a interpretar as dinâmicas da cultura em que estamos inseridos e o seu impacto no nosso estilo de Igreja?

A fim de contribuir para a consulta

31. A finalidade da primeira fase do caminho sinodal é favorecer um amplo processo de consulta, para recolher a riqueza das experiências de sinodalidade vivida, nas suas diferentes articulações e aspetos, envolvendo os Pastores e os Fiéis das Igrejas particulares em todos os diversificados níveis, através dos meios mais adequados, em conformidade com as realidades locais específicas: a consulta, coordenada pelo Bispo, destina-se «aos Presbíteros, Diáconos e Fiéis leigos das suas Igrejas, individualmente ou associados, sem transcurar a valiosa contribuição que pode vir dos Consagrados e das Consagradas» (EC, n. 7). De maneira particular, solicita-se a contribuição dos organismos de participação das Igrejas particulares, especialmente do Conselho presbiteral e do Conselho pastoral, a partir dos quais verdadeiramente «pode começar a tomar forma uma Igreja sinodal». [22] Será igualmente preciosa a contribuição das outras realidades eclesiais às quais o Documento Preparatório for enviado, assim como daqueles que quiserem enviar diretamente a própria contribuição. Finalmente, será de importância fundamental que encontre espaço também a voz dos pobres e dos excluídos, e não somente daqueles que desempenham alguma função ou responsabilidade no seio das Igrejas particulares.

32. A síntese que cada Igreja particular elaborar na conclusão deste trabalho de escuta e discernimento constituirá a sua contribuição para o percurso da Igreja universal. Para tornar mais fáceis e sustentáveis as fases sucessivas do caminho, é importante conseguir condensar os frutos da oração e da reflexão, no máximo, em dez páginas. Se for necessário, para as contextualizar e explicar melhor, poderão ser anexados outros textos como apoio ou integração. Recordamos que o objetivo do Sínodo, e por conseguinte desta consulta, não consiste em produzir documentos, mas em «fazer germinar sonhos, suscitar profecias e visões, fazer florescer a esperança, estimular confiança, faixar feridas, entrançar relações, ressuscitar uma aurora de esperança, aprender uns dos outros e criar um imaginário positivo que ilumine as mentes, aqueça os corações, restitua força às mãos».

Um texto longo, mas rico de propostas e de reflexões, para nosso pensar e agir desde a Sinodalidade.

Seminaristas realizam 2ª peregrinação a pé para Aparecida

Entre os dias 29 de junho e 01 de julho os seminaristas Bruno César, Elder, Luiz Henrique, Vinícius, Alessandro e Pedro Augusto (Configuração a Cristo - Teologia), o Diác. Matheus Torres (Ano Pastoral) e os propedeutas Davi, José Geraldo, Rodrigo e Vitório, acompanhados do Pe. Edinei, realizaram pela segunda vez uma peregrinação a pé para Aparecida. Os mais de 90 quilômetros percorridos em 3 dias foram oportunidade de oração, partilha, superação do cansaço e das dores e muitas risadas: experiência singular para esses vocacionados ao presbiterado e que muito contribuirá com sua formação. Somente quem faz uma peregrinação desse tipo pode contar os seus benefícios e os seus efeitos na caminhada da fé e no processo de formação. Ao fim de tudo restou no coração de cada qual a alegria pela participação, as boas lembranças dessa experiência e a gratidão a todos os que contribuíram para que ela se realizasse. Nas orações feitas ao longo do caminho estavam presentes todos os que, de algum modo, fazem parte da história vocacional desses seminaristas.



Diácono Marcos Reis partiu para a Casa do Pai

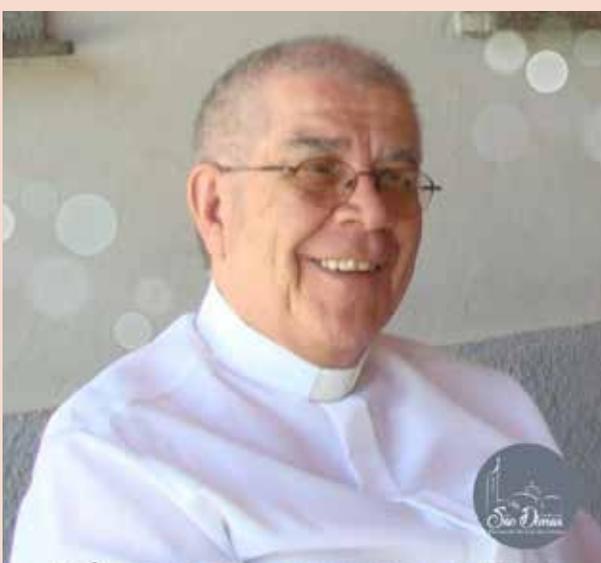
Faleceu no dia 23 de junho, o Diác. Marcos Reis de Faria, cooperador da Paróquia Catedral São Dimas. O velório foi realizado na manhã da sexta-feira 24 de junho, Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, na Catedral São Dimas, a Missa de Corpo presente foi presidida por Dom Cesar, às 11h, e o Sepultamento, às 13h, no Cemitério Pe. Rodolfo Komórek.

Nossa eterna gratidão por tudo o que ele realizou por nossa Igreja particular. Nos solidarizamos com os familiares e amigos. Aos 77 anos, ele parte para casa do Pai.

Dai-lhe Senhor o descanso eterno! E que a luz eterna o ilumine!

Biografia

Nasceu em 09 de janeiro de 1945 em São José



dos Campos – SP. Filho de Antonio Reis de Faria e Matilde Miacci. Casou-se em 29 de junho de 1966 com a Sra. Ana Maria Reis de Faria, juntos tiveram dois filhos: Marco Antonio Reis de Faria e Ana Teresa Reis de Faria Rigobello.

Ele foi ordenado em 11 de julho de 1987 por Dom Eusébio Oscar Scheid, scj, na Paróquia Catedral São Dimas. Desde então, exerceu seu ministério em nossa Diocese por 35 anos nas paróquias: Sant'Ana, N. Sra. do Rosário, e a maior parte de seu ministério na Paróquia Catedral São Dimas. Entre suas funções pastorais foi Chanceler da Cúria Diocesana por alguns anos.

→Aconteceu

Dom Cesar inaugura estúdio São Filipe Neri em comemoração aos 23 anos de fundação da Comunidade Tom de Amor



No dia 27 de Junho de 2022, em comemoração aos 23 anos de Fundação da Comunidade Tom de Amor, foi realizada cerimônia de inauguração oficial do estúdio São Filipe Neri, sediado na Casa de Missão Tom de Amor, na Paróquia São Sebastião, Vila Industrial.

Além do bispo diocesano Dom Cesar, também estiveram presentes o Pe. Luciano Barbosa (Diretor Espiritual), Diácono Domingos Sávio e integrantes da Comunidade Tom de Amor. Aos presentes falou: "Com alegria venho nesta casa que é um Centro de Evangelização desta Nova Comunidade Tom de Amor. Inauguro este estúdio que tanto bem faz e fará. Daqui sai a voz da Igreja. Todos aqui são batizados em nome de Jesus. Portanto aqui é centro irradiador do Evangelho, da construção do Reino de Deus, do anúncio efetivo e afetivo de Nosso Senhor Jesus Cristo".

A cerimônia contou com a bênção



da placa de inauguração como também da participação, ao vivo, de Dom Cesar na abertura do web grupo de

oração Tom de Amor que é transmitido todas as segundas-feiras pelo canal no youtube da comunidade.

Hallel Vale Som e Vida 2022

A Comunidade Tom de Amor também está nos preparativos para a realização da 12ª edição do Hallel Vale Som e Vida que será nos dias 24 e 25 de Setembro no Parque da Cidade. Nesta edição o evento contará com a participação inédita de várias bandas bem como pregações nos dois dias de evento. Uma das atrações diferenciadas será a Feira Gastronômica e de Artesanato, que contará com mais de 30 estandes de comidas típicas e de artesãos de todo o Vale do Paraíba.

O Hallel Vale continua com sua entrada franca, mas com a iniciativa social de arrecadação de alimentos não perecíveis.

Comunidades Eclesiais de Base reúnem-se para encontro formativo

Agentes de toda a diocese reuniram-se durante a manhã do último dia 25 de junho, no centro pastoral da Paróquia São Judas Tadeu, para refletirem sobre a missão do coordenador e sobre o exercício da sinodalidade. O encontro, momento de fraternidade, contou com a animação contagiante que marca a identidade das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

O modelo do coordenador será sempre Jesus Cristo. Por isso, à luz de

passagens do Evangelho como a do lava-pés e da tempestade acalmada, os participantes foram convidados a refletir sobre sua missão. Conforme o Padre Geraldo Alves da Silva, pároco da paróquia Santo Agostinho, "uma boa coordenação contribuirá para o bom êxito dos trabalhos. Com sua alegria, o coordenador entusiasmará outras pessoas para que participem das comunidades".

O sentido de Igreja, fundamental-

mente presente na espiritualidade das CEBs, foi enriquecido com uma exposição sobre o tema da sinodalidade, ministrada pelo Pe. Cláudio César da Costa, pároco da paróquia São João Bosco e Coordenador diocesano de Pastoral. Destacou-se a importância das pequenas comunidades no exercício de "caminhar juntos", devendo a sinodalidade ser recebida como exercício dialogado empreendido através da humildade e com coragem. "Devemos

ter coragem para quebrar as estruturas que impeçam as pessoas de falarem", acentuou o Pe. Cláudio.

O evento marcou o retorno dos encontros diocesanos, por isso foi também um sinal de esperança no seguimento de Jesus. "Nosso primeiro encontro diocesano de formação neste novo tempo foi uma bênção, luz para renovar e iluminar a nossa missão", comenta Maria Matsutacke, que integra a coordenação diocesana das CEBs.



Papa Francisco publica Carta Apostólica “*DESIDERIO DESIDERAVI*”: Abandonar as polêmicas e redescobrir a beleza da Liturgia

Foi publicada na quarta-feira, 29 de junho, Solenidade de São Pedro e São Paulo, em Roma, a Carta Apostólica *Desiderio desideravi* sobre a formação litúrgica do povo de Deus. O texto busca recordar o significado profundo da celebração eucarística tal como emergiu do Concílio e para convidar à formação litúrgica. São 65 parágrafos nos quais reelabora os resultados da sessão plenária do Dicastério do Culto Divino em fevereiro de 2019 e segue o Motu Proprio “*Traditionis custodes*”, reafirmando a importância da comunhão eclesial em torno do rito resultante da reforma litúrgica pós-conciliar.

Abaixo, uma resenha do documento publicada por Vatican News: Não se trata de uma nova instrução ou de um diretório com normas específicas, mas sim de uma meditação para compreender a beleza da celebração litúrgica e o seu papel no evangelizar. E é concluída com um apelo: “Abandonemos as polêmicas para ouvirmos juntos o que o Espírito diz à Igreja, mantenhamos a comunhão, continuemos a nos maravilhar com a beleza da liturgia” (65).

Encontro com Jesus Vivo

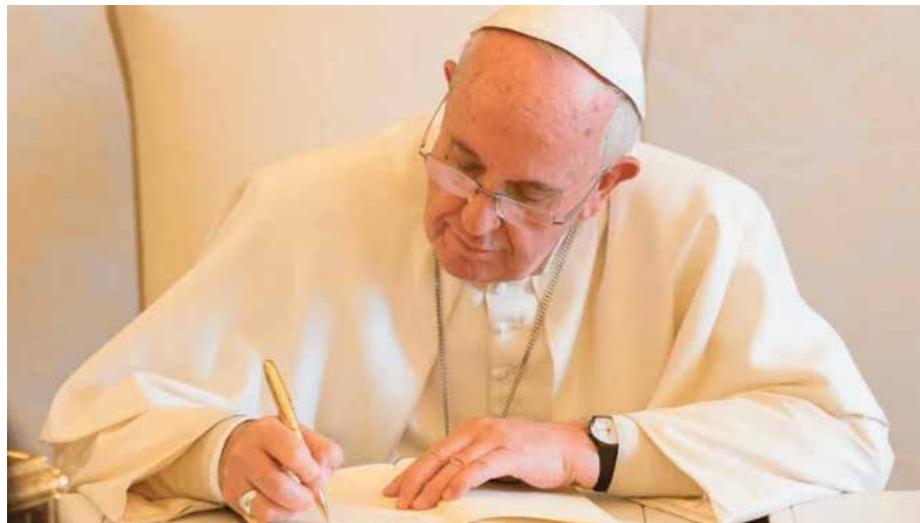
A fé cristã, escreve Francisco, ou é encontro com Jesus vivo ou não é. E “a Liturgia nos garante a possibilidade de tal encontro. Não precisamos de uma vaga recordação da Última Ceia: temos necessidade de estar presentes nessa Ceia”.

Recordando a importância da constituição “*Sacrosanctum Concilium*” do Vaticano II, que levou à redescoberta da compreensão teológica da liturgia, o Papa acrescenta: “Gostaria que a beleza do celebrar cristão e de suas necessárias consequências na vida da Igreja, não fosse deturpada por uma superficial e redutiva compreensão de seu valor ou, pior ainda, de sua instrumentalização a serviço de alguma visão ideológica, seja ela qual for” (16).

Depois de ter advertido sobre o “mundanismo espiritual” e o gnosticismo e neopelagianismo que o alimentam, Francisco explica que “participar do sacrifício eucarístico não é uma conquista nossa como se pudéssemos nos orgulhar disso diante de Deus e de nossos irmãos” e que “a liturgia nada tem a ver com um moralismo ascético: é o dom da Páscoa do Senhor que, acolhido com docilidade, renova a nossa vida. Só se entra no Cenáculo pela força da atração de seu desejo de comer a Páscoa conosco” (20).

Redescoberta

Para curar do mundanismo espiritual é preciso redescobrir a beleza da liturgia, mas essa redescoberta “não é a busca de um esteticismo ritual que se



compraz apenas no cuidado da formalidade externa de um rito ou se satisfaz com uma escrupulosa observância de rubricas. Obviamente, esta afirmação não quer de modo algum aprovar o comportamento oposto que confunde a simplicidade com desleixada banalidade, a essencialidade com uma ignorante superficialidade, a concretude do agir ritual com um exasperado funcionalismo prático” (22).

O Papa explica que “cada aspecto do celebrar deve ser cuidado (espaço, tempo, gestos, palavras, objetos, vestes, canto, música, ...) e cada rubrica deve ser observada: bastaria essa atenção para evitar privar a assembleia do que lhe é devido, ou seja, o mistério pascal celebrado na modalidade ritual que a Igreja estabelece. Mas mesmo que se garantisse a qualidade e a norma da ação celebrativa, isso não seria suficiente para tornar plena nossa participação” (23).

De fato, se faltar “o encanto pelo mistério pascal” presente “na concretude dos sinais sacramentais, poderíamos correr o risco de ser impermeáveis ao oceano de graça que inunda cada celebração” (24). Esse encanto, esclarece Francisco, não tem nada a ver “com a expressão ‘sentido de mistério’: às vezes, entre as supostas acusações contra a reforma litúrgica, há também a de tê-la – diz-se – eliminada da celebração”. O encanto de que fala o Papa não é uma espécie de perplexidade diante de uma realidade obscura ou de um rito enigmático, mas é, “ao contrário, a maravilha pelo fato de que o plano salvífico de Deus nos foi revelado no domingo de Páscoa. Jesus” (25).

Como, então, recuperar a capacidade de viver plenamente a ação litúrgica? Diante da perplexidade da pós-modernidade, do individualismo, do subjetivismo e do espiritualismo abstrato, o Papa convida a retornar às grandes constituições conciliares, que não são inseparáveis entre si. E escreve que “seria trivial ler as tensões, infelizmente presentes em torno da celebra-

ção, como uma simples divergência entre diferentes sensibilidades em relação a uma forma ritual. A problemática é sobretudo eclesiológica” (31). Por trás das batalhas sobre o rito, em suma, existem diferentes concepções da Igreja. Não se pode dizer, específica o Pontífice, de reconhecer a validade do Concílio e não acolher a reforma litúrgica nascida da “*Sacrosanctum Concilium*”.

Formação litúrgica

Citando o teólogo Romano Guardini, muito presente na Carta Apostólica, Francisco afirma que, sem formação litúrgica, “as reformas no rito e no texto não ajudam muito” (34). Ele insiste na importância da formação, especialmente nos seminários: “Uma abordagem litúrgico-sapiencial da formação teológica nos seminários certamente teria efeitos positivos também na ação pastoral. Não há aspecto da vida eclesial que não encontre nela seu ápice e sua fonte. A pastoral de conjunto, orgânica e integrada, mais do que o resultado de programas elaborados, é a consequência de colocar a celebração eucarística dominical, fundamento da comunhão, no centro da vida comunitária. A compreensão teológica da Liturgia não permite de modo algum compreender estas palavras como se tudo se reduzisse ao aspecto cultural. Não é autêntica uma celebração que não evangeliza, assim como não é autêntico um anúncio que não leva ao encontro com o Ressuscitado na celebração: ambos, sem o testemunho da caridade, são como um bronze retumbante ou um címbalo que estrala” (37).

Criatividade selvagem

É importante, explica ainda o Papa, educar para a compreensão dos símbolos, cada vez mais difícil para o homem moderno. Uma maneira de fazer isso “é certamente aquele de cuidar da arte de celebrar”, que “não pode ser reduzida à mera observância de um aparato de rubricas e nem mesmo pode ser pensada como uma criatividade imaginativa – às vezes selvagem – sem regras. O rito é por si

só norma e a norma nunca é um fim em si mesma, mas sempre a serviço da realidade mais elevada que ela quer salvaguardar” (48). A arte de celebrar não se aprende “porque se frequenta um curso de oratória ou de técnicas de comunicação persuasiva”, é preciso “dedicar-se diligentemente à celebração, deixando que seja a própria celebração a nos transmitir a sua arte” (50). E “entre os gestos rituais que pertencem a toda a assembleia, o silêncio ocupa um lugar de absoluta importância”, que “move ao arrependimento e ao desejo de conversão; suscita a escuta da Palavra e a oração; dispõe à adoração do Corpo e Sangue de Cristo” (52).

O pároco

Francisco observa então, que nas comunidades cristãs, seu modo de viver a celebração “está condicionado – no bem e, infelizmente, também no mal – de como o pároco preside a assembleia”. E elenca vários “modelos” de presidência inadequados, ainda que de sinal contrário: “rigidez austera ou criatividade exasperada; misticismo espiritualizante ou funcionalismo prático; pressa ou lentidão enfatizada; descuido desleixado ou excessivo refinamento; afabilidade superabundante ou impassividade hierática”. Todos os modelos que têm uma única raiz: “um personalismo exasperado do estilo celebrativo que, às vezes, expressa uma mania mal disfarçada de liderança” (54), amplificada quando as celebrações são transmitidas on-line. Enquanto “presidir a Eucaristia é mergulhar na fornalha do amor de Deus. Quando nos é dado compreender, ou mesmo apenas intuir, esta realidade, certamente já não precisamos de um diretório que nos exija um comportamento adequado” (57).

Uma só e idêntica oração

O Papa conclui a carta pedindo a “todos os bispos, presbíteros e diáconos, aos formadores dos seminários, professores de faculdades teológicas e escolas de teologia, a todos os catequistas, que ajudem o povo santo de Deus a aproveitar o que sempre foi a fonte primária de espiritualidade cristã”, reiterando o que está estabelecido em “*Traditionis custodes*”, para que “a Igreja possa elevar, na variedade das línguas, uma só e idêntica oração capaz de exprimir a sua unidade” e esta única oração é o Rito Romano resultante da reforma conciliar e estabelecido pelos santos pontífices Paulo VI e João Paulo II.

Acesse o Motu Proprio “*Traditionis custodes*” na íntegra: ●●

Acesse a Carta Apostólica *Desiderio desideravi* na íntegra: ●●

→Aconteceu

Propedeutas realizaram missões na Paróquia São Sebastião



Os seminaristas da etapa da Iniciação a vida de Jesus (Propedêutico) realizaram de 4 e 5 de junho, um final de semana de missões na Paróquia São Sebastião, juntamente com a juventude paroquial da comunidade.

A missão começou uma semana antes com um retiro preparatório com os jovens e os seminaristas no centro pastoral da comunidade.

Na sexta-feira, dia 3 de junho, Pe. Djalma celebrou a missa de envio, e um momento que marcou foi a entrega da cruz para cada missionário, a instituição temporária do ministério da bênção para exercerem na missão e o envio missionário.

No sábado, dia 4 de junho, o dia começou logo cedo com orações e orientações para missão, no período da manhã e da tarde saíram pelas ruas da comunidade para visitar as casas, partilhar a Palavra de Deus e abençoar as famílias e residências. No período noturno participaram da Santa Missa e do Arraiá da juventude, um momento de convivência dos propedeutas com a comunidade e os jovens.

No domingo, 5 de junho, o dia iniciou com as orações das Laudas com o povo na Igreja Matriz da comunidade, logo em seguida o café e saída para as missões pelo entorno da paróquia no período da manhã, já no período da tarde foi realizado um encontro com as crianças e jovens no centro pastoral. No final do dia aconteceu uma Missa em Ação de Graças pelas missões e o Arraiá da Juventude.

Confira os testemunhos



“Foi uma experiência incrível, a minha primeira missão indo de casa em casa, levando o Amor de Deus para as famílias, bênçãos e orações, e tenho certeza que muitas foram tocadas, e sentiram a presença de Deus na vida delas! Jesus anseia por isso, e quer jovens queimando de amor a Ele e transbordando para mais pessoas!” (Livia Maria)



“Sou coordenadora do Setor Jovem da Paróquia São Sebastião na Vila Industrial, e tivemos a graça de realizar missões nas ruas ao redor de nossa paróquia junto aos seminaristas propedeutas. Nos preparamos para levar Cristo aos que estavam afastados e em suas casas, mas esse Cristo nos encheu ainda mais. Falamos de Jesus de uma maneira muito tranquila porque o Espírito Santo realmente no conduzia em todas as casas que passávamos. Abençoando casas, famílias, e ainda mais, sendo abençoados por aqueles que nos acolhiam. Levávamos o Cristo e O encontrávamos em cada lar! É lindo ver que em meio a um mundo com tantas tribulações, juventudes perdidas e fragilizadas, encontramos jovens de corpo e alma que anseiam pelo céu e fazem, e querem, a diferença para conquistar a vida eterna. SIM! Somos verdadeiramente Igreja Missionária, e seremos sempre essa igreja em saída. Que possamos ter essa certeza em nossos corações, todos os dias vivemos uma missão, e ela começa quando abrimos os olhos e nos deixamos ser conduzidos por Deus. Tudo por Jesus, nada sem Maria!” (Ana Carolina)

Ao lado apresentamos o desenho de uma criança chamada Maria Vitória, ela se sentiu muito tocada pelas missões e quis se expressar como forma de gratidão. “Para todas as pessoas que servem nas missões” (Assim ela escreveu em seu desenho).



rádio JUNTOS PELA Mensagem

1470 AM

RUMO A FM 84,9

A RÁDIO MENSAGEM AM 1470, ESTÁ EM PROCESSO PARA SE TORNAR FM. POR ISSO PRECISAMOS ANGIARIAR FUNDOS PARA ARCAR COM AS DESPESAS NECESSÁRIAS PARA ESTA TRANSIÇÃO. CONTAMOS COM SUA COLABORAÇÃO PARA QUE A MENSAGEM CONTINUE EVANGELIZANDO!

FAÇA UM PIX ATRAVÉS DO QR CODE

OU ATRAVÉS DA CHAVE PIX (CELULAR) 12 974110125 RÁRIO CLUBE JACAREÍ LTDA

OU AINDA NA CAIXINHA DA RÁDIO MENSAGEM NA SECRETARIA PAROQUIAL

SEJA SÓCIO DO CLUBE MENSAGEM E AJUDE ESSE CANAL DE EVANGELIZAÇÃO

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS

@radiomensagem

A MENSAGEM PRECISA CONTINUAR! CONTAMOS COM SUA COLABORAÇÃO!

Educação Infantil

Ensino Médio

Ensino Fundamental

A gente faz histórias!

Acompanhe nossas redes digitais!

InstitutoSaoJose.org.br
facebook.com/institutosj.sjc
twitter.com/InstitutoSJC
[@institutosaojose.sjc](https://youtube.com/ISJVivoePresente)

INSTITUTO SÃO JOSÉ

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP

(12) 3946-7400

→ Acontece

Paróquias em Festa

Confira as Paróquias que celebram os(as) padroeiros(as) de suas comunidades neste mês. Veja a programação e participe!

Paróquia São Bento

De: 02 a 11 de julho

Tema central: "Escutar o Espírito Santo e os Irmãos".

1º dia da Novena (02 de julho)

Santa Missa: 19h

Celebrante: Dom Rogério Augusto das Neves

2º dia da Novena (03 de julho)

Santa Missa: 19h

Celebrante: Pe. Ricardo Leite

3º dia da Novena (04 de julho)

Santa Missa: 19h30

Celebrante: Pe. Lucas Emanuel (CSsR)

4º dia da Novena (05 de julho)

Santa Missa: 19h30

Celebrante: Pe. Vitor Mendes

5º dia da Novena (06 de julho)

Santa Missa: 19h30

Celebrante: Dom Altieri, SDB

6º dia da Novena (07 de julho)



Santa Missa: 19h30

Celebrante: Pe. Antônio Célio, SCJ

7º dia da Novena (08 de julho)

Santa Missa: 19h30

Celebrante: Pe. Daniel Aparecido, SCJ

8º dia da Novena (09 de julho)

Santa Missa: 19h30

Celebrante: Pe. Beto

9º dia da Novena (10 de julho)

Santa Missa: 19h30

Celebrante: Pe. Célio Antonio de Almeida

Festa do Padroeiro São

Bento (11 de julho)

Santa Missa: 07h e 19h30

Celebrante: Pe. Ricardo | Pe. Célio Almeida

Paróquia Sant'Ana

De: 17 a 26 de julho

Tema central: "Paróquia: Lugar de Deus!".



Oração da Novena: 15 minutos antes da Missa.

Quermesse: 15 a 31 de julho, no Salão Paroquial e Praça da Matriz Sant'Ana.

1º dia da Novena (17 de julho)

Santa Missa: 19h

"Paróquia: Lugar de oração e serviço!".

Celebrante: Pe. Rogério de Souza Lemes

2º dia da Novena (18 de julho)

Santa Missa: 19h30

"Paróquia: Lugar dos sinais de salvação!".

Celebrante: Pe. Juliano Grafanassi da Silva

3º dia da Novena (19 de julho)

Santa Missa: 19h30

"Paróquia: Lugar da Mãe e dos irmãos de Jesus!".

Celebrante: Pe. Éverton Machado dos Santos

4º dia da Novena (20 de julho)

Santa Missa: 19h30

"Paróquia: Lugar de semear!".

Celebrante: Pe. Pedro José Graciano Junior

5º dia da Novena (21 de julho)

Santa Missa: 19h30

"Paróquia: lugar da escuta de Deus!".

Celebrante: Pe. Thiago Domiciano Dias

6º dia da Novena (22 de julho)

Santa Missa: 19h30

"Paróquia: Lugar da Ressurreição!".

Celebrante: Pe. Rodolfo José Barbosa

7º dia da Novena (23 de julho)

Santa Missa: 19h

"Paróquia: Lugar da paciência do Reino de Deus!".

Celebrante: Pe. Ricardo de Andrade Leite

8º dia da Novena (24 de julho)

Santa Missa: 19h

"Paróquia: Lugar da experiência do Amor do Pai!".

Celebrante: Pe. Rinaldo Roberto de Rezende

9º dia da Novena (25 de julho)

Santa Missa: 19h30

"Paróquia: Lugar da humildade no servir!".

Celebrante: Cônego Carlos Antônio da Silva

Festa da Padroeira (26 de julho)

Santa Missa: 19h30

"Paróquia: Lugar dos Bem-Aventurados!".

Celebrante: Dom Cesar, sdb



- Lar para idosos de ambos os sexos, acima de 65 anos
- Administrado pela Irmãs Pequenas Missionárias
- Ambiente tranquilo e marcado pela espiritualidade
- Atendimento humanizado, conforto, segurança e visitas diárias
- Equipe multidisciplinar e assistência de enfermagem 24 horas

**TEMOS VAGAS
PARA IDOSOS**

CONSULTE PREÇOS E CONDIÇÕES

(12) 3797-7500



R. MAJOR ANTÔNIO DOMINGUES, 244
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP

→Acontece

Canção Nova, celebra 20 anos em São José dos Campos

Evento no Centro da Juventude com convidados especiais marcará a data

Em 21 de Julho de 2002 nascia, na cidade de São José dos Campos, no Vale do Paraíba, a Casa de Missão da Canção Nova. Essa instalação aconteceu para atender o anseio dos sócios colaboradores do Clube da Evangelização da região, que expressavam desejo de ter uma frente de missão na cidade.

Neste espaço da Casa de Evangelização, localizada no Jardim Paulista, região central, acontecem as atividades religiosas como missas, momentos oracionais, atendimento aos sócios e visitantes com os missionários e sacerdote.

Com o tema: “Do Coração de Deus, para o coração do Vale”, a Canção Nova realizará um evento

para celebrar seu Jubileu de Porcelana. Um dia especial, para agradecer e louvar a Deus por estes 20 anos de Evangelização em São José dos Campos.

O evento será no domingo, 31 de Julho, a partir das 8h, no Centro da Juventude – Jardim América, em São José dos Campos e contará com as presenças do Bispo da Diocese de São José dos Campos, Dom Cesar, Pe. Gevanildo Torres, Pe. Roger Luis, Luzia Santiago, Rogerinha, Dani Miranda e os cantores: Eliana Ribeiro e Walmir Alencar.

Durante todo o dia acontecerão pregações, música, louvor, oração e Santa Missa. Teremos ainda os serviços da Canção Nova: como o Clube da Evangelização, loja Can-

PRESENCAS CONFIRMADAS:
Dom César Teixeira • Pe. Gevanildo Torres • Pe. Roger Luis • Luzia Santiago
Rogerinha Moreira • Dani Miranda • Eliana Ribeiro • Walmir Alencar

Você é o nosso convidado!
31 JULHO
Início 8h
Canção Nova, celebrando 20 anos em SJC!
Entrada: 1kg de alimento não perecível

CENTRO DA JUVENTUDE
R. Aurora Pinto da Cunha, 131
Jardim América,
São José dos Campos

Canção Nova no coração do Vale

INFORMAÇÕES
(12) 3923-1228 @cancaonova

ção Nova, lanchonete, na evangelização e alimentação. Um dia para

estar ainda mais perto daqueles que amam a Canção Nova e querem celebrar essa data.

Para participar não será necessária inscrição e a entrada será solidária, 1 kg de alimento não perecível. O Centro da Juventude fica na R. Aurora Pinto da Cunha, 131 – Jardim América, São José dos Campos.

O Evento contará com transmissão da rádio Canção Nova local 95.9 e nas mídias sociais da Canção Nova SJC. Mais informações acesse sjc.cancaonova.com ou no Whatsapp (12) 3923 1228.

Sobre a Canção Nova

A Comunidade Canção Nova é uma comunidade carismática católica, fundada por Monsenhor Jonas Abib e reconhecida pelo Pontifício Conselho

para os Leigos como associação internacional privada de fiéis, dotada de personalidade jurídica e tem sua sede na cidade de Cachoeira Paulista (SP), Diocese de Lorena, São Paulo – Brasil.

O termo “Canção Nova” corresponde ao Cântico Novo, tema que perpassa toda a história da salvação: é o cântico dos remidos, o cântico das mulheres e homens novos para um mundo novo.

A Comunidade Canção Nova assume o compromisso de ser este cântico para a Igreja e para o mundo. O fundamento da Comunidade é o Evangelho: viver e comunicá-lo de maneira integral, na eficácia do Espírito Santo, enquanto esperam e apressam a vinda gloriosa do Senhor.

Capela do Parque Vicentina Aranha será reaberta para celebrações litúrgicas

A Paróquia Sagrada Família juntamente com a AFAC (Organização Social de Cultura), entidade gestora do Parque Vicentina Aranha, anunciaram no dia 24 de junho (sexta-feira), Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, a data da reabertura da Capela Sagrado Coração de Jesus para celebrações litúrgicas, no dia 13 de agosto de 2022, às 18h.

O evento de anúncio para a data de reabertura teve início às 11 horas, do dia 24 de junho e foi dividido em três momentos: primeiro, um bate-papo sobre a Capela Sagrado Coração de Jesus e a sua ligação com a Causa do Venerável Padre Rodolfo Komorek; na sequência, teve o anúncio da concretização da parceria para a reabertura da Capela para celebrações litúrgicas (Missas e Casamentos) e a divulgação do calendário (que você poderá ver em seguida) com as datas de reabertura do templo, agendamento e celebração do Sacramento do Matrimônio; e encerrando o encontro, um ato de

reparação ao Sagrado Coração de Jesus, cuja solenidade litúrgica se celebrou nesta data.

O bate-papo contou com a participação do diretor-executivo da AFAC, Aldo Zonzini Filho; do pároco da Paróquia Sagrada Família, Padre Maurício Tadeu Miranda – SDB; e a mediação do secretário da Vice-Postulação da Causa do Padre Rodolfo Komorek, Rômulo Paula. O momento também teve a participação do projeto Brincando de Música.

Calendário com as datas de reabertura do templo

05 de julho, terça-feira, às 13h – Abertura da agenda de casamentos da Capela do Parque (Na secretaria paroquial da Sagrada Família).

13 de agosto, sábado, às 18h – Missa de reabertura da Capela para as celebrações litúrgicas e a conservação da Santíssima Eucaristia, com a presença de Dom Cesar.

14 de agosto, domingo, às 12h – Retorno das Missas dominicais na capela.

20 de agosto, sábado, às

09h – Retorno da oração do terço mariano na Gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

10 de setembro, sábado – Retomada das celebrações do Sacramento do Matrimônio na Capela.

Sobre a Capela Sagrado Coração de Jesus

A Capela Sagrado Coração de Jesus foi inaugurada em 20 de outubro de 1935. Ela foi construída com donativos do Conde de Lara, cafeicultor, empresário do ramo imobiliário e grande acionista, que financiava projetos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, além de apoiar outras instituições católicas, estabelecimentos de saúde e atividades artísticas da cidade de São Paulo.

A Capela, em estilo eclético, com vitrais policrômicos, implantada no centro de um jardim em estilo barroco, faz parte do antigo Sanatório Vicentina Aranha, que foi inaugurado em 27 de abril de 1924, sendo o primeiro da fase sanatorial a ser construído em São José dos Campos. O projeto inicial



do complexo é do arquiteto Ramos de Azevedo e as obras foram executadas pelo engenheiro Augusto de Toledo.

Em 1980, por decisão da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, o complexo passou a abrigar um hospital geriátrico, cujas atividades foram encerradas em 2003. A Congregação das Irmãs de São José de Chambéry administrou por décadas o local. Desde a sua inauguração, a cura pastoral da Capela, que possui poucas intervenções, foi confiada historicamente a sacerdotes religiosos e diocesanos, que assistiram

aos fiéis que acorreram ao Vicentina Aranha em busca de tratamentos de saúde.

A Capela Sagrado Coração de Jesus está dentro do território pastoral da Paróquia Sagrada Família, confiada aos Salesianos de Dom Bosco, autores da Causa de Beatificação e Canonização do Venerável Padre Rodolfo Komorek.

AFAC e Paróquia Sagrada Família

A reabertura da Capela Sagrado Coração de Jesus faz parte das ações conjuntas entre a AFAC – Organização Social de Cultura e a

Paróquia Sagrada Família – Diocese de São José dos Campos, ligadas à promoção do conhecimento, salvaguarda do patrimônio material e imaterial, e recuperação dos bens culturais ligados à Causa do Padre Rodolfo Komorek no Parque Vicentina Aranha.

Em outubro de 2021, as instituições, com o apoio da Prefeitura Municipal de São José dos Campos, inauguraram o Memorial Padre Rodolfo Komorek, espaço onde ficava o quarto do religioso no período em que ficou internado para tratar de uma tuberculose até o seu falecimento, em dezembro de 1949, durante a fase sanatorial do Vicentina Aranha. O local fica aberto para visitação todos os dias, das 9 às 19 horas, no Pavilhão Cia. Paulista. Em fevereiro de 2022, as instituições entregaram a manutenção preventiva da Gruta do Parque e o restauro das imagens sacras de Nossa Senhora de Lourdes e Santa Bernadete. O local fica aberto para visitação todos os dias, das 6 às 21 horas, no interior do Parque.

FESTIVAL de ÓTICA

IDADE é DESCONTO

Sua idade é seu desconto na armação, na compra de óculos completos: de grau ou de Sol com grau. E você ainda ganha Cash Back!

GoldFinger
PRESENTES PARA SEMPRE

*Promoção válida para óculos de grau e óculos de Sol com grau (peças selecionadas). Nas compras acima de R\$500,00 você ganha Cash Back no valor de R\$50,00. Confira o regulamento completo nas lojas.

Crianças, adultos, idosos, gestantes e puérperas: Vacinem-se!

A maneira mais eficaz de se prevenir contra diversas doenças, como poliomielite (paralisia infantil), tuberculose, rubéola e febre amarela, entre outras, é a vacinação. Ao se vacinar, a pessoa passa a ter proteção (anticorpo) e torna-se imunizado.

De acordo com a legislação do SUS, no que diz respeito às vacinas, é competência dos municípios a manutenção de salas equipadas para

armazenamento adequado dos imunobiológicos, bem como a disponibilização de recursos humanos treinados para o manejo e aplicação das vacinas.

Exortamos nesta edição para que busquem levar as crianças para se vacinar, houve uma queda na adesão da vacinação infantil de modo especial, fruto de uma disseminação de notícias falsas, mas a verdade é que as va-

cinas sempre foram muito eficientes no combate das doenças. Não vamos permitir que doenças já extintas voltem. Cuidemos de nossas crianças.

Os adultos, idosos, gestantes e puérperas também devem se vacinar. Procure o posto de saúde mais próximo de sua casa e se informe!

Apresentamos abaixo o calendário de vacinação para o Estado de São Paulo.



Esquema para Vacinação Infantil

IDADE	VACINAS
Ao nascer	BCG- ID Hepatite B
2 meses	Poliomielite (VIP) Rotavírus Pentavalente (DTP+Hib+HB) Pneumocócica 10 valente
3 meses	Meningocócica C
4 meses	Poliomielite (VIP) Rotavírus Pentavalente (DTP+Hib+HB) Pneumocócica 10 valente
5 meses	Meningocócica C
6 meses	Poliomielite (VIP) Pentavalente (DTP+Hib+HB)
9 meses	Febre amarela
12 meses	Tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola) Meningocócica C Pneumocócica 10 valente
15 meses	Poliomielite (VOPb) DTP (difteria, tétano e coqueluche) Hepatite A Tetraviral (SCR+Varicela)
4 anos	Poliomielite (VOPb) DTP (difteria, tétano e coqueluche) Varicela

11 a 12 anos	Meningocócica ACWY
A partir dos 14 anos	dT (difteria e tétano)
Meninas de 9 a 14 anos	HPV – Duas doses com intervalo de seis meses entre elas.
Meninos de 11 a 14 anos	HPV - Duas doses com intervalo de seis meses entre elas.
Crianças de 12 meses a 29 anos que não receberam 2ª dose	Tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola)
Anualmente	Influenza
Esquema de vacinação para adultos entre 20-59 anos	
INTERVALO ENTRE AS DOSES	VACINA
Primeira Visita	dT (difteria e tétano) Hepatite B Tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola) - A faixa etária de 20 a 29 anos precisa realizar duas doses e a de 30 a 59 anos uma dose.
2 meses após a primeira visita	dT Hepatite B Febre Amarela (dose única)
4-6 meses após a primeira visita	dT Hepatite B
A cada 10 anos por toda a vida	dT
Esquema de vacinação para Gestante e Puérpera	
INTERVALO ENTRE AS DOSES	VACINA
Primeira Visita	dT (difteria e tétano)

	Hepatite B
2 meses após a primeira visita	dT
	Hepatite B
4-6 meses após a primeira visita	dTpa (Tríplice Bacteriana Acelular do Adulto) – A partir da 20ª semana Hepatite B
Em qualquer fase da gestação	Influenza
Puerpério	Influenza Tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola)
Esquema de vacinação para adultos com 60 anos de idade ou mais	
INTERVALO ENTRE AS DOSES	VACINA
Primeira Visita	dT (difteria e tétano) Febre Amarela (dose única) Hepatite B
2 meses após a primeira visita	dT Hepatite B
4-6 meses após a primeira visita	dT Hepatite B
Anualmente	Influenza
A cada 10 anos por toda a vida	dT

Os perigos do chá verde

Uma dieta da revista, a antiga receita da vóvó ou aquelas dicas de uma amiga podem ser prejudiciais à saúde. O chá-verde, ingrediente conhecido das dietas rápidas, se tomado em excesso, pode causar hepatite aguda.

A busca pelo corpo perfeito e o emagrecimento rápido muitas vezes torna-se um perigo para a saúde. A inclusão de ervas naturais que fazem “milagres” na dieta é um risco alto e pode causar diversos efeitos colaterais.

A fama do chá verde já se espalhou: a infusão que ajuda na perda de peso, quando tomado em excesso ou por meio de procedimento errado, como ferver a erva juntamente com a água, podem trazer danos à saúde.



Recentemente, na cidade de São Paulo (SP), uma mulher de 42 anos morreu vítima de hepatite fulminante - síndrome rara, mas fatal. A moça apresentou o quadro após fazer uso contínuo de cápsulas de um chá para emagrecimento.

O chá para emagrecimento, vendido como natural, contava com uma série de ervas, como chá verde, carqueja e mata verde em sua composição. Todas essas substâncias são consideradas hepatotóxicas, ou seja, podem causar danos à saúde do fígado quando usadas em altas quantidades.

O consumo do chá foi largamente difundido nos últimos anos por conta da divulgação de possíveis propriedades benéficas, como por exemplo, o controle da obesidade, de diabetes, também problemas cardiovasculares e até câncer e doenças neurodegenerativas. Porém, os efeitos nunca tiveram comprovação científica.

Segundo a hepatologista e gastroenterologista do Hospital ViValle, Dra. Maria Beatriz de Oliveira, a bebida consumida

em grandes quantidades agride o fígado. “O chá verde ou Camellia sinensis, nome oficial da erva, ingerido em excesso tem uma ação termogênica, reduzindo o tecido gorduroso, entretanto pode ser prejudicial ao fígado e causar hepatite aguda.” explica a médica.

Além da hepatite, o chá também é rico em cafeína e pode irritar a mucosa gástrica, causar insônia e irritabilidade. “A imensa maioria dessas ervas não possui benefício comprovado de forma científica e traz lesão hepática pelo seu uso contínuo. Podendo produzir lesão aguda grave e até insuficiência hepática fulminante e óbito”, completa Dra. Maria Beatriz.

Mas não é apenas o chá-verde que apresenta componentes tóxicos ao organismo, as ervas cáscara sagrada,

mãe-boá, unha de gato, Gumíferas, Kava-Kava, Valeriana, Sene, Espinheira Santa, Losna, Poejo, Andorinha e muitas outras também podem causar alterações no organismo.

O aconselhado, segundo a médica, é que sejam evitados os chás que prometem resultados rápidos. “Desconfie de substâncias que prometem milagres. Busque sempre auxílio de um profissional médico. Por mais que sejam naturais, não estão isentos de riscos. Cuidado com fórmulas milagrosas com multi-ervas vendidas pela internet ou indicadas por um amigo”, adverte a médica.

Por isso, é importante estar atento e procurar sempre orientação médica para obter uma dieta balanceada e alcançar ou manter o peso ideal.



20
an

A Saúde Auditiva - Widex Vale está completando 20 anos no Vale do Paraíba e Litoral Norte. Venha conferir as surpresas que preparamos para você!

TEMOS VALORES E CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA APOSENTADOS E FAMÍLIA!




ANUNCIE

Jornal

EXPRESSÃO



ENVIE SUAS NOTÍCIAS E SUGESTÕES

redacao@diocesajc.org.br
(12) 3928-3926 | 3928-3929
WhatsApp (12) 99788-5559

→Aconteceu

Crismas nas Paróquias



Dom Cesar realizou a Crisma em três paróquias neste mês de junho: Paróquia Nossa Senhora do Rosário, Paróquia Nossa Senhora de Fátima (Altos de Santana) e Paróquia São Bento.

84ª edição da Assembleia do Regional Sul 1



O episcopado do Estado de São Paulo participou de 7 a 9 de junho, da 84ª edição da Assembleia do Regional Sul 1 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), no Mosteiro de Itaici, em Indaiatuba (SP), com a participação de arcebispos, bispos e padres coordenadores de pastoral das seis arquidioceses e 36 dioceses paulistas. Da Diocese de São José dos Campos, participaram o bispo diocesano, Dom Cesar, e o Pe. Cláudio César Costa, coordenador de pastoral, e o pelo Pe. Paulo Renato, de nossa Diocese que atua na assessoria política da CNBB e que fez uma das explanações no evento.

Missa na Trezena de Santo Antônio - Paróquia São Benedito - Alto da Ponte



No dia 15 de junho, Dom Cesar celebrou na Trezena de Santo Antônio, na Capela Santo Antônio que pertence à Paróquia São Benedito (Alto da Ponte). Uma das festividades mais tradicionais desta comunidade, que pouco a pouco vai voltando à normalidade.

Corpus Christi



Após 2 anos sem a confecção dos tapetes e procissão com o povo pelas ruas, no dia 16 de junho, Solenidade de Corpus Christi, nossa Diocese retomou em suas paróquias esse gesto público de manifestar a presença de Jesus Eucarístico para toda sociedade. Dom Cesar celebrou na Catedral São Dimas, às 16h. Em seguida uma procissão percorreu as ruas ao entorno da Igreja mãe da Diocese.

→ Aconteceu

Novena do Coração de Jesus - Paróquia Coração de Jesus



No dia 23 de junho, 7º dia da novena do padroeiro da Paróquia Coração de Jesus, Dom Cesar esteve presente celebrando a Eucaristia. Uma participação muito significativa do povo marcou esse momento

Dia Mundial de Oração pela Santificação dos Sacerdotes 2022



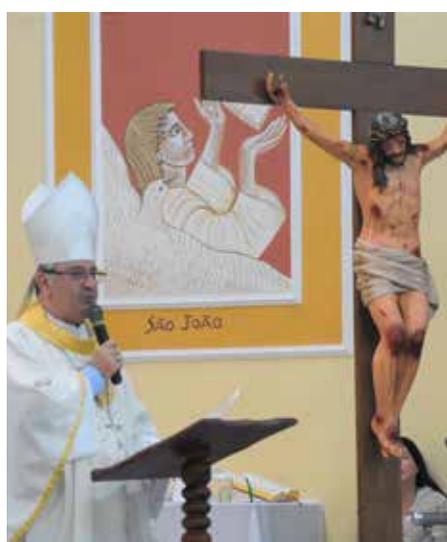
Na Solenidade do Sagrado Coração de Jesus aconteceu o Dia Mundial de Oração pela Santificação dos Sacerdotes, instituído por São João Paulo II, em 1995, com o objetivo de encorajar, tanto os sacerdotes a refletir sobre o dom do sacerdócio que receberam de Cristo, quanto os fiéis a rezarem por seus padres, para que possam ser fortalecidos em seu ministério e permanecer firmes em seu compromisso com o Senhor.

Festa de São João Batista



No dia 26 de junho Dom Cesar celebrou o encerramento da Novena e Festa da Paróquia São João Batista, em Jacareí. A comunidade participou com muita fé e devoção deste momento com o bispo diocesano.

6º Dia da Novena de São Paulo Apóstolo



No dia 29 de junho Dom Cesar celebrou no 6º dia da Novena da Paróquia São Paulo Apóstolo. Nesta ocasião concedeu o ministério extraordinário para alguns leigos e leigas que foram devidamente preparados para exercer esta função.

Amiguinhos de Jesus

Símbolo de fé



Jogo das 7 diferenças

NAS IMAGENS DE NOSSA SENHORA DO CARMO EXISTEM SETE DIFERENÇAS. SERÁ QUE VOCÊ CONSEGUIE ENCONTRAR TODAS ELAS?



VIVENDO OS
SONHOS
DE DEUS

SAVE THE DATE
21 / AGO

→ Aniversariantes

PADRES – Aniversário Natalício

1	Frei Rinaldo Stecanela Oliveira, OSM
4	Pe. José Edward Padoan
4	Pe. Joacir Borges
16	Dom Moacir Silva
18	Pe. Maurício Tadeu Miranda, SDB
21	Pe. Guilherme Ximenes
22	Pe. José Everaldo Germano da Silva, SCJ
23	Pe. Artur Cesário Rodrigues Motta
28	Pe. José Afonso de Souza

PADRES e BISPOS – Aniversário de Ordenação

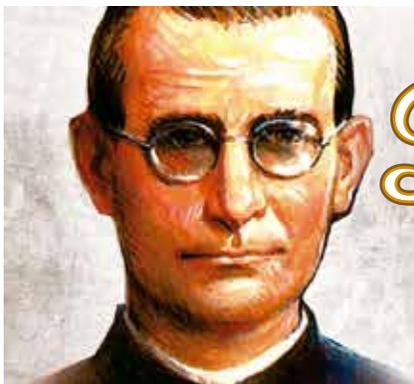
2	(1980)	Pe. Antonio Carlos Galharo, SDB
3	(1999)	Dom Rogério Augusto das Neves (Ordenação Presbiteral)
8	(1995)	Pe. Eduardo Fraga e Silva
15	(1995)	Frei Rinaldo Stecanela Oliveira, OSM
16	(2005)	Pe. Raimundo Nonato V. Sobrinho
17	(1999)	Pe. Márcio Roberto P. Campos
18	(1998)	Pe. Luiz Alberto Conde (Pe. Betão)
20	(1991)	Dom Nelson Westrupp, SCJ (Ordenação Episcopal)
21	(1995)	Pe. Ivo Demétrio Lourenço
21	(2007)	Pe. José Cesário da Silva
22	(2000)	Pe. Rodolfo José Barbosa (Pe. Rodolfinho)

DIÁCONOS – Aniversário Natalício

3	Diác. Cristian Cassiano de Macedo
14	Diác. Benedito Moreira dos Santos
21	Diác. Valdair Donizeti Adriano
25	Diác. Mauro José da Costa

DIÁCONOS – Aniversário de Ordenação

5	(2003)	Diác. Nelson Albino Thomaz
11	(1987)	Diác. Benedicto da Conceição Petronilho R. dos Santos
11	(1987)	Diác. Joaquim Mendes Pereira Neto
11	(1987)	Diác. José Henrique Corrã
11	(1987)	Diác. Justo Baptista de Faria
11	(1987)	Diác. José Olímpio de Oliveira (Juca - Jacareí)
29	(2006)	Diác. José Márcio de Campos



Memorial

Padre Rodolfo

Um ambiente onde encontramos um pouco da história do salesiano venerável Pe. Rodolfo, com a exposição de seus objetos e pertences pessoais, alguns escritos e relatos da sua santidade.

www.sagradafamiliaonline.org.br



Seja um sócio e juntos
vamos
Evangelizar

Para ser
mais uma voz que
anuncia a Boa Nova.

rádio Mensagem
Diocese de São José dos Campos 1470 AM

Sintonize
1470 AM
www.radiomensagem.am.br

Acompanhe nossa
programação no seu celular.
Procure pelo aplicativo da Rádio Mensagem (ícone azul) no Google Play.

[/radiomensagem](https://www.facebook.com/radiomensagem) (12) 9.7411-0125

Informações: (12) 3954-3000